

NEURODIVERSIDADE: a falta de suporte no ambiente escolar

Maria Eduarda Sampaio Teixeira¹, Anabelle Lima Ribeiro¹, Lara Santos Cerqueira¹,
Anderson Ferreira Pinto Machado², Venâncio Bonfim-Silva³

RESUMO

A neurodiversidade foi definida pela socióloga australiana Judy Singer, em 1998, e se refere à ideia de que a diversidade neurológica é uma parte natural e essencial da variedade humana. Em vez de buscar "normalização", a neurodiversidade promove a aceitação e a valorização das habilidades e perspectivas únicas que cada pessoa pode trazer, independentemente de sua formação cerebral. Nessa perspectiva, levantamos a seguinte questão: Como o tema sobre a Neurodiversidade é abordado no ambiente escolar? Assim, a presente pesquisa teve como objetivo analisar o conhecimento que os indivíduos têm sobre a neurodiversidade, bem como as suas opiniões sobre a questão do ensino excludente, e de que maneira esse ensino poderia melhorar. A pesquisa foi realizada no Colégio da Polícia Militar Eraldo Tinoco, em Vitória da Conquista, Bahia, a partir da coleta de dados, qualitativos e quantitativos, por meio de dois formulários, um direcionado aos discentes (com 101 participantes) e outro aos docentes (com 12 participantes) do colégio. Os dados foram analisados por meio de Análise de Conteúdo Temática (com as categorias: "entendimento sobre o tema"; "relato pessoal"; "ambiente escolar") e, desta forma, foi possível identificar a percepção estudantil acerca do apoio aos estudantes neurodivergentes na escola. Dentre os educandos, 71,3% têm a impressão de que não há assistência dentro da escola (como materiais adaptados, suporte psicológico, auxiliares de ensino etc). Ressalte-se que a escola dispõe de um setor específico para este suporte e que esta percepção foi expressada, em sua maioria, por estudantes neurotípicos. Já o formulário dos educadores mostra dados extremamente alarmantes, visto que foi questionado se os professores sentem segurança ao lecionarem de forma eficaz aos neurodivergentes, e 100% relataram que não se sentem preparados. Assim, a partir desses dados é perceptível como há uma falha na formação plena desses docentes, que gera mal-estar em várias situações delicadas em sala de aula, tanto para os estudantes quanto para os professores. Assim, é possível concluir que, em sua maioria, a comunidade escolar é escassa em conhecimento sobre diversidade neurocognitiva. Dessa forma, propomos a criação de cursos de formação com essa temática, realizados pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, direcionados aos docentes de forma ampla. E também aos discentes, por meio da inclusão de temas que abordem a incorporação de pessoas neurodivergentes na sociedade. O caminho da educação inclusiva é um longo percurso a se seguir, pressuposto que englobe as diferenças de cada um.

Palavras-chave: Educação. Inclusão. Neuroatípicos. Neurotípicos.

Fonte de Financiamento: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – Fapesb (EDITAL FAPESB Nº 008/2023).

¹Estudantes do Ensino Médio do Colégio da Polícia Militar (CPM Eraldo Tinoco) de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail (MEST): maria.teixeira63@aluno.enova.educacao.ba.gov.br; E-mail (ALR): anabelle.ribeiro@aluno.enova.educacao.ba.gov.br; E-mail (LSC): lara.cerqueira1@aluno.enova.educacao.ba.gov.br.

²Professor Doutor do Colégio da Polícia Militar (CPM Eraldo Tinoco) de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. Docente do Programa de Pós-graduação em Ciências Ambientais (UESB) E-mail: anderson.machado15@nova.educacao.ba.gov.br

³Professor Mestre do Colégio da Polícia Militar (CPM Eraldo Tinoco) de Vitória da Conquista, Bahia, Brasil. E-mail: venancio.silva6@nova.educacao.ba.gov.br